

A Feira de Campina Grande é caracterizada por um tecido contínuo de unidades individuais de venda com coberturas justapostas e estruturas entrelaçadas. As edificações e atividades paralelas lá presentes encontram-se imersas neste tecido, sem o devido respiro. A constrição compromete a integridade das unidades de venda, a salubridade das relações sociais e a manutenção das edificações adjacentes. A cobertura instalada atualmente sobre o Mercado Central se sobrepõe e se impõe à lógica e à granulometria da Feira, mas replica a dificuldade de se atuar na proximidade de um recorte tão complexo. Como conciliar densidade e salubridade sem comprometer a identidade e as conquistas da Feira e dos/das feirantes? A proposta reforça o caráter de organismo vivo da Feira de Campina Grande. Propõe-se uma estrutura única que se espalhe por entre o tecido urbano consolidado e conecte importantes pontos referenciais da Cidade, criando e incorporando espaços de transição e livre circulação. A nova cobertura permeia o traçado urbano e se configura como um elemento uniforme, se contrapondo às estruturas edificadas (mais altas e maciças), assim gerando uma relação de figura e fundo que traz destaque paisagístico ao patrimônio edificado. A superfície plissada enfatiza o sentido oeste-leste e induz o atravessamento longitudinal da Feira. Conecta em um percurso linear os conjuntos do Largo do Pau do Meio, do Mercado Central, dos Armazéns, e do Cassino Eldorado e as vias adjacentes. A clareza do percurso é reforçada pela continuidade tanto dos elementos paisagísticos que compõem as áreas de feira (pisos, coberturas, mobiliário, barracas, vegetação) quanto pelas intervenções arquitetônicas realizadas nos marcos referenciais do recorte (Edifício do Pau do Meio, Mercado, Armazéns e Cassino).

Cobertura: a organização da estrutura da cobertura reforça o atravessamento longitudinal da Feira (oeste-leste). Sua altura final é inferior à altura do Mercado Central, explicitando a presença do conjunto arquitetônico preservado. A alternância de comprimento das suas águas preserva a variabilidade de geometria e textura da malha urbana. A materialidade remete ao existente, com estrutura em mista (vigas em madeira laminada colada e pilares metálicos) de suporte a lona.

Pontos de venda: entende-se a importância de se preservar a densidade e a posição atuais dos pontos de venda. Para além das negociações e tensões que produziram a logística desses postos no correr do tempo, é preciso lembrar que há na Feira um vínculo forte preestabelecido entre os feirantes e seus territórios, associando a conservação desses espaços diretamente à manutenção das práticas reconhecidas como patrimônio cultural pelo Iphan. Para isso, foram propostas unidades modulares de venda, com capacidade de armazenamento (armários), limpeza (súcios e calhas de drenagem), e adaptação a programas diferentes. A modularidade permite o rearranjo das unidades, propiciando uma dinâmica participativa de consolidação do novo tecido, que absorve as especificidades individuais sem comprometer o desempenho global da Feira.

Mercado: Ao invés de nova cobertura de altura elevada – que anula o contraste de escala não apenas do Mercado Central mas também do Edifício do Pau do Meio e dos Armazéns – propõe-se que a estrutura da cobertura do Largo do Pau do Meio permeie o conjunto do Mercado Central abaixo das cumeeiras dos telhados, organizando e qualificando os espaços intermediários. Dessa forma a intervenção visa retomar a configuração anterior do Mercado, organizado espacialmente a partir de quatro edificações isoladas e simétricas entre si, compondo um retângulo em torno de um vazio, numa disposição volumétrica muito mais adequada à paisagem urbana que se configura no seu entorno.